

RESUMO

Este artigo versa sobre o uso de estratégias modalizadoras em comentários feitos por revisores em interação com o autor do texto revisado. A pesquisa se fundamenta em estudos que podem ser abarcados dentro da grande área da Linguística da Enunciação e é metodologicamente guiada pela Análise Textual Qualitativa. Os resultados apontam os recursos modalizadores como estratégia linguística que demarca a ação interlocutiva e movimentam a negociação proposta nos comentários. Buscando uma atitude responsiva alinhada às orientações que apresenta à margem, o revisor recorre ora à negociação enfática, ora à negociação atenuada, demarcando o tipo de interlocução que estabelece com o autor do texto.

Palavras-chave: Modalização. Negociação. Revisão de texto.

ABSTRACT

This article deals with the use of modalization strategies in comments made by proofreaders in interaction with the author of the text. This study is based on theories that can be considered within the broad area of Enunciation Linguistics and it is methodologically guided by Qualitative Textual Analysis. The results point out the modalization resources as a linguistic strategy that demarcates the interlocutive action and moves the negotiation proposed in the comments. Aiming for a responsive attitude according to the guidelines he/she presents at the margin, the proofreader sometimes uses emphatic negotiation, sometimes attenuated negotiation, demarcating the type of dialogue he/she establishes with the author of the text.

Keywords: Modalization. Negotiation. Proofreading.

1 INTRODUÇÃO

A interação humana é marcada por negociações que vão sendo construídas na e pela linguagem. Considerando, em específico, as manifestações verbais, podemos dizer que a negociação diz respeito à forma como o produtor relaciona recursos linguísticos para orientar a construção de sentido(s) e agir sobre o interlocutor segundo os intentos que movimentam a interação (NEVES, 2006; MIRANDA, 2005; CORBARI, 2013).

¹ Docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Cascavel/PR, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3247-7191>. E-mail: alcione_corbari@hotmail.com.



Tais negociações, inerentes ao uso da linguagem, são propostas, sustentadas ou reconfiguradas conforme o contexto de interação que está em jogo, a depender, por exemplo, dos interlocutores envolvidos, da simetria/assimetria dos papéis sociais postos em cena, das intenções que movem o uso da linguagem, da imagem que se quer criar de si perante o interlocutor, da resposta que espera dele. Enfim, o movimento de negociação envolve os diversos elementos pragmáticos que moldam o uso da língua como mecanismo social e altamente complexo que é, refletindo-se na construção linguística do texto.

Tomando em conta o pressuposto de que todo uso da linguagem retrata uma atividade sociointerativa (BAKHTIN, 2002), um fenômeno encorpado e não abstrato e autônomo (MARCUSCHI, 2008), propomos aqui uma análise sustentada no funcionamento social, cognitivo e histórico da língua, que considera que o sentido se produz situadamente. Entendemos que, nessa dinâmica, a negociação é um processo intrínseco ao uso da linguagem, mas alguns elementos linguísticos, como os modalizadores, revelam de forma mais evidente como o interlocutor propõe a negociação. Desse entendimento advém nossa pergunta de pesquisa: *Como os elementos modalizadores atuam no movimento de negociação em comentários feitos por revisores em interação com o autor do texto revisado?*

Com o objetivo de analisar o uso de recursos modalizadores nesse contexto específico, tomam-se como *corpus* mensagens escritas pelo revisor à margem do texto, com o recurso “Comentários”, do *Word*. Os comentários são resultado de um exercício proposto no projeto de extensão ‘Formação de revisores de texto’, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, sob nossa coordenação. A atividade teve objetivos pedagógicos e considerou a ‘Introdução’ de uma dissertação de Mestrado, apresentada a Programa de Pós-Graduação em Educação dessa mesma universidade.

Este metatexto, que apresenta os resultados da pesquisa, está assim organizado: inicialmente, discutimos os fundamentos teóricos que embasam a pesquisa, como as noções de interação e negociação, sempre tendo em conta as condições de enunciação que envolvem a produção do *corpus*. Na sequência, abordamos as questões metodológicas envolvidas, como o tipo de pesquisa, o contexto de produção do *corpus* e os procedimentos de análise. Após, apresentamos as análises, tenho em conta o referencial teórico que a sustenta, e, por fim, as considerações finais.

2 MODALIZAÇÃO E NEGOCIAÇÃO

Nesta seção, apresentamos os pressupostos teóricos que guiam a análise. Iniciamos considerando as peças fundamentais mobilizadas na produção do texto escrito e contextualizando a





produção do *corpus*. Na sequência, trazemos para o debate conceitos basilares, como ‘negociação’ e ‘modalização’.

2.1 Autor, revisor, texto e situação de troca: as peças da interação em movimento

A produção textual retrata uma atividade sociointeracional complexa, gerenciada por uma “contextualidade accional”, conforme propõe Parret (1988), concretizada “pelo triângulo (locutor, destinatário, situação de troca) e pela dialética da intenção e do reconhecimento da intenção pelo canal de fragmentos lingüísticos cujo suporte é a situação de troca” (PARRET, 1988, p. 102). Conforme defendemos em Corbari (2013), no centro desse triângulo está o texto, que não existe sem as três partes que o fazem emergir e o sustentam como uma unidade coerente em determinada situação social de interação.

Fazendo uma relação desse triângulo com as peças fundamentais mobilizadas na produção do texto citadas por Koch (2003a), podemos dizer que o contexto de interação investigado, visto a partir da perspectiva do revisor – que interage na modalidade escrita a partir de texto escrito por outrem –, movimenta as seguintes instâncias com vistas à produção de sentido:

1. o produtor/planejador, que assume o papel de revisor do texto, projeta uma imagem de si e procura viabilizar seu “projeto de dizer” recorrendo a uma série de estratégias de organização textual e orientando o interlocutor a ações que precisam ser tomadas para que o texto revisado se aproxime mais do padrão esperado de um texto científico e do gênero dissertação;
2. o texto, dado em comentários à margem, organizado estrategicamente de dada forma, em decorrência das escolhas feitas pelo produtor entre as diversas possibilidades de formulação que a língua lhe oferece, de tal sorte que estabelece limites quanto às leituras possíveis e direciona ações;
3. o interlocutor, autor do texto sob revisão, que, a partir do modo como o texto se encontra linguisticamente construído, das sinalizações que lhe oferece, bem como pela mobilização do contexto relevante à interpretação, vai proceder à construção dos sentidos, respondendo de alguma maneira à interpelação proposta nos comentários à margem.

Tomando em conta que os atos ilocutórios só podem ser deduzíveis segundo as condições gerais em que o enunciado é produzido (KOCH, 2003b), consideramos pertinente descrever o contexto de geração dos dados. Para tanto, fazemos um breve relato da atividade, de modo que possamos visualizar as peças da interação em movimento.





O exercício de revisão considerado foi uma das primeiras atividades propostas no projeto de extensão ‘Formação de revisores de texto’ (Unioeste), em 2018. Para esta pesquisa, foram selecionadas as atividades de alunos do curso que informaram ter experiência com o exercício de revisão do texto. Observa-se, porém, que tal experiência não era homogênea no grupo considerado, variando bastante o tempo de prática de revisão como atividade laboral, o número de textos já corrigidos e os conhecimentos específicos da área. Embora tais questões possam direcionar a tônica da interação proposta, essas variáveis não foram consideradas nesta etapa da pesquisa por não serem relevantes para o objetivo proposto.

No exercício, demandou-se a correção da ‘Introdução’, que somava 21 folhas, de uma dissertação de Mestrado na área da Educação. Ressalta-se aqui que a atividade se baseou em uma “potencial” interação com o autor do texto, a qual não se efetivou, mesmo porque uma interação real não seria possível, haja vista o tempo demandado para o desenvolvimento da atividade. No entanto, os alunos foram orientados a propor a revisão como se a versão revisada fosse ser entregue ao autor. Estamos investigando, então, um *corpus* advindo de uma atividade com fins pedagógicos que partiu de uma proposta de interação que de fato não ocorreu, mas que foi projetada como se fosse ocorrer.

Tendo sido apresentadas as peças da interação, passamos, na sequência, às reflexões sobre a revisão do texto.

2.2 Sentidos em processo: a negociação de identidades

O texto é estrategicamente organizado pelo produtor em conformidade com as intenções que movimentam a interação (KOCH, 2003a), que motivam a busca por estratégias linguísticas diversas que possam fazer valer seu projeto de dizer. A escolha do que dizer e da forma como fazê-lo é direcionada, entre outros aspectos, pela imagem que o produtor constrói do interlocutor, antes mesmo de interpelá-lo à interação, e pela expectativa de sua atitude responsiva (BAKHTIN, 2002, 2003).

Em outros termos, a noção de negociação assumida neste trabalho considera que os comentários à margem são constituídos em função do interlocutor, considerando sua atitude responsiva, e emoldurados visando a alcançar os efeitos perlocucionários pensados pelo revisor na interação com o autor do texto. Como o papel dos interlocutores, nesse caso, é mutuamente reconhecido, essa condição viabiliza a construção da imagem de si e do outro, o que se revela na linguagem usada, especialmente no uso de elementos modalizadores.





O propósito discursivo posto para o revisor nessa situação de interação direta com o autor é, em geral, interpelá-lo para que promova mudanças no texto ou esclareça questões que possam direcionar adequações posteriores. Embora os revisores não conhecessem o autor empírico, foram dadas a eles condições para traçar uma imagem média do interlocutor (BAKHTIN, 2002): um mestrando em Educação em fase final de sua pesquisa. Com base em Petroni (2005), podemos dizer que, nessa situação de interação, o revisor instaura-se como locutor, o ser responsável pela produção do comentário, ao mesmo tempo em que instaura o interlocutor, considerando seus saberes, suas crenças e valores. Isso significa dizer que, no mesmo movimento de busca por atitude responsiva ativa, procura construir um *ethos* de revisor que possa amparar a interpelação que propõe.

Golder, Percheron e Pouit (1999) entendem que conhecer os interesses, as crenças e os argumentos do outro é um caminho necessário à apresentação de uma leitura que se faça a mais aceitável possível para o interlocutor. A admissibilidade do discurso, então, está ligada à capacidade do revisor de apreender os argumentos do outro, de antever sua reação-resposta. Essa consideração do outro na construção do texto o leva a buscar estratégias de negociação que possibilitem tornar sua intervenção aceitável. Para tanto, constrói uma imagem que valide sua posição social de revisor de texto.

A negociação é orientada, em grande medida, pela situação particular de interação, que funciona como um horizonte de expectativas e coloca em diálogo um autor de texto científico e um revisor. O revisor precisa descentrar-se e projetar-se na posição do autor do texto, no sentido de prever que, conhecedor das condições enunciativas relacionadas à situação interativa em jogo, prepara-se para um diálogo envolvendo avaliação e críticas ao texto. Essa configuração das imagens vai balizando o tipo de interação proposta.

Nessa linha de raciocínio, podemos recorrer à questão do *ethos* e identidade verbal pontuada por Amossy (2005), considerando o conceito de ‘*ethos* prévio’ – que tem a ver com o conhecimento do modo de ser do locutor, suas características que já são dadas a conhecer no momento da proposta de revisão – e de ‘*ethos* discursivo’ – que se relaciona à observação do discurso por meio do qual o locutor projeta uma imagem de si e negocia sua identidade (AMOSSY, 2005).

Considerando que estamos analisando a interação a partir da perspectiva do revisor, podemos entender que este, amparado na imagem que tem de seu interlocutor, vai construindo uma imagem de si amparada a partir da imagem geral que o autor do texto constrói de um revisor e vai modulando a interação para se apresentar como uma voz de autoridade. As interações à margem materializam esse processo, explicitando a forma como o revisor se apresenta ao interlocutor.



2.3 Modalização: negociando sentidos e orientando ações

A partir de contribuições de Golder (1996), Golder e Coirier (1996) e Petroni (2005), em pesquisa anterior seguimos a ideia de que “a negociação diz respeito à forma como o produtor relaciona recursos linguísticos para orientar a construção de sentido(s) e agir sobre o interlocutor segundo os intentos que motivam a interação estabelecida por meio do texto” (CORBARI, 2013, p. 9). Essa interpretação está assentada na natureza interativa da linguagem e no papel ativo dos interlocutores, o que implica considerar os elementos linguísticos não apenas como recursos usados para transmitir informação, mas também como mecanismos de negociação em dada situação enunciativa, já que o uso da palavra sempre indica tomada de posição (DUCROT, 1993). Tal movimento pode ser visualizado, por exemplo, na distância que o produtor toma do conteúdo do texto, no uso de argumentos aceitáveis, que coadunam com um sistema de valor socialmente aceitável, e na incorporação de possíveis contra-argumentos (GOLDER; COIRIER, 1994).

No *corpus* investigado, o processo de negociação pode vir amparado pela justificação, que, conforme Golder (1996) e Golder e Coirier (1994, 1996), refere-se a qualquer sentença que torne outra sentença mais aceitável. Assim, o revisor pode, por exemplo, apresentar uma justificativa para a sugestão expressa no comentário, ou trazer exemplificações que contribuam para alinhar a atitude responsiva às orientações apresentadas à margem. A justificação contribui para a construção de uma teia de argumentos que se interconectam para construir a orientação argumentativa do texto e levar o autor à ação ensejada pelo revisor; portanto, é parte importante do processo de negociação.

Ressalta-se, porém, que, embora justificação e negociação sejam estratégias interdependentes, conforme avaliam Golder e Coirier (1996), observamos, no limite do *corpus* investigado, que a justificação não é imprescindível ao movimento da negociação, pois nem todos os comentários analisados vêm amparados por tal estratégia, conforme pontuamos na análise. Podemos até dizer que o próprio papel social do revisor já serve como uma baliza de justificação em relação à negociação proposta, uma vez que ocupa um papel social que lhe dá autoridade para apresentar certos conteúdos de determinadas formas – como, por exemplo, um enunciado deonticamente modalizado, onde se instaura obrigação ao interlocutor –, sem que se movimente, necessariamente, uma justificação no contexto imediato.

As estratégias de negociação, segundo Golder e Coirier (1996), podem ser medidas principalmente pela presença de marcadores de endosso do falante (*penso que, acredito que, dizem que, acho que* etc.), de expressões de certeza/incerteza (*certamente, provavelmente, talvez* etc.) e de formas





axiológicas (*é bom, é estúpido* etc.). A essa lista, propõe-se acrescentar as marcas linguísticas que veiculam noções deonticas (*é preciso, deve, pode* etc.) (CORBARI, 2013), bem como o tempo e o modo verbal empregados. Tais recursos linguísticos são aqui tomados como estratégia de modalização.

Partimos da perspectiva de que qualquer uso que se faz da linguagem implica sempre uma avaliação prévia do falante sobre o conteúdo que vai veicular, o que resulta na escolha em afirmar, negar, ordenar, permitir, expressar certeza ou dúvida sobre esse conteúdo etc. (CASTILHO; CASTILHO, 1992). Assim, tomando como estratégias modalizadoras tanto elementos como *é preciso* e *certamente*, que são exteriores ao conteúdo proposicional e podem aparecer ocasionalmente em um enunciado (VION, 2005), quanto estratégias como o tempo e o modo verbal empregados, uma escolha a que o produtor do texto não pode se furtar. Nesse sentido, ‘modalidade’ e ‘modalização’ são aqui tomados indistintamente.

Segundo a perspectiva de Vion (2004, 2005), a modalidade diz respeito a aspectos mais gerais, como as modalidades de frase, relacionadas aos tipos de frase empregados e noções como a dicotomia *realis vs. irrealis*. Conforme pontuamos em Corbari (2013), o tipo frasal e o modo verbal escolhidos revelam posições assumidas, o que se pode medir, por exemplo, pelo não engajamento comumente associado ao subjuntivo e, ao contrário, pelo engajamento demarcado pelo modo indicativo, ou, ainda, pela deonticidade relacionada ao modo imperativo.

Buscando ultrapassar o nível superficial de lexicalização (PARRET, 1988), entendemos que seria produtivo lançar o olhar para uma perspectiva mais ampla de modalização, abarcando também o que alguns autores denominam de ‘modalidade’. Assim, para além de modalizadores que são dados como externos ao *dictum* (CASTILHO; CASTILHO, 1992), também observamos o uso de outras estratégias linguísticas, tais como o tempo e modo verbal, por exemplo, conforme explicitado anteriormente. Em outros termos, seguimos a orientação de Parret (1988) de não limitar o estudo das modalidades às chamadas atitudes proposicionais, mas considerá-las como atitudes (ou atos) ilocutórias, motivadas pelo jogo da produção e do reconhecimento das intenções, não insondáveis e escondidas, mas classificáveis e “convencionalizadas” (PARRET, 1988, p. 80).

Trata-se, pois, de um ato de fala, que, segundo Koch (2002), retrata uma atividade intencional do locutor no sentido de levar o destinatário a determinados tipos de comportamento ou a atuar sobre ele de determinado modo. A autora (KOCH, 2003b) observa que a interação por meio da linguagem sempre envolve a produção de um enunciado linguístico dotado de certa força, a qual é marcada pelos atos ilocutórios, e só pode ser deduzível segundo as condições gerais em que o enunciado é produzido. Nessa dinâmica, entendemos, em conformidade com Miranda (2005), que o



processo interacional deve ser tomado como núcleo definidor da modalização, uma vez que é no interior dele que se promove a negociação de identidades.

Assim, considerar a modalização a partir de uma perspectiva interacionista da linguagem significa compreender aspectos pragmáticos, tomando essa estratégia linguística como um retrato da atitude do revisor tanto em face do conteúdo proposicional, conforme Koch (2002) e Castilho e Castilho (1992), quanto em face de seu interlocutor, conforme proposta de Parret (1988), Neves (1996, 2006), Miranda (2005) e Corbari (2013). Nessa perspectiva, os modalizadores podem ser descritos como estratégia linguística que demarca a ação interlocutiva e movimenta a negociação proposta nos comentários.

2.4 Comentários à margem: um espaço para a negociação

Tendo em conta que elegemos como *corpus* de análise os comentários dados à margem do texto revisado, podemos dizer que, com esse recorte metodológico, estamos focalizando apenas uma parte de todo o processo de negociação que é a própria revisão do texto. Quando o revisor propõe alterações, supressões, apagamentos ou inclusões no texto do outro, ele o faz com a intenção de torná-lo mais próximo do padrão esperado para o gênero produzido, conformado às especificidades envolvidas na interação. Nesse processo, recorre aos conhecimentos linguísticos, situacionais, interacionais, superestruturais, entre outros, para fazer com que sua operação no texto seja positivamente avaliada pelo autor, em primeira instância e, de forma indireta, pela banca de avaliação e pelos potenciais leitores da dissertação após sua publicação.

Nesse sentido, toda e qualquer alteração constitui parte dessa negociação, em que o revisor tenta projetar a intervenção como uma proposta aceitável e desejável, ao mesmo tempo em que busca construir um *ethos* positivo do si, apresentando-se como um conhecedor das estruturas da língua e das especificidades envolvidas na linguagem acadêmica e no gênero produzido. No entanto, é nas interações postas à margem que a interação revisor-autor do texto se dá de forma explícita, e é nesse *locus* da interação que se apresentam de forma mais evidentes elementos de interpelação.

Basicamente, observamos que as seguintes situações motivaram o uso da ferramenta ‘Comentário’: i. a impossibilidade de o revisor resolver uma inadequação no texto sem a participação de seu autor (como é o caso de conferência em textos citados de forma direta, por exemplo); ii. a necessidade de dar a conhecer ao autor as motivações para alterações feitas no texto, para que este





avaliar se a reescrita se aproxima daquilo que pretendeu dizer; iii. a necessidade de buscar dados e informações para que determinados conteúdos sejam aclarados para alterações posteriores.

Nesse processo, a negociação se encaminha no sentido de levar o interlocutor a determinada ação, e é por isso que entendemos que essas interações se revelam como verdadeiros atos ilocutórios (PARRET, 1988). Tais atos são aqui entendidos como ‘negociação enfática’ e ‘negociação atenuada’, categorias construídas por Corbari (2013) a partir de contribuições de Hengeveld (1989), Borillo (1982) e Camparini (2009). Tais categorias são exploradas na seção da análise. Antes, delineamos o caminho teórico-metodológico que seguimos.

3 PERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Esta pesquisa faz parte do projeto de pesquisa *A construção do(s) sentido(s) do texto: a função semântico-discursiva de elementos e estruturas linguísticas*, que tem por objetivo o desenvolvimento de estudos que enfoquem a função semântico-discursiva de elementos e estruturas linguísticas na construção do texto. Relaciona-se, ainda, ao projeto de extensão citado na introdução deste texto.

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, pois busca interpretar certos fenômenos inseridos em um contexto (BORTONI-RICARDO, 2008), e está fundamentado em perspectivas teóricas abarcadas na grande área da Linguística da Enunciação (BAKHTIN, 2002; KOCH, 2002, 2003b; NEVES, 1996, 2006; PARRET, 1988; GOLDBERGER, 1996; GOLDBERGER; COIRIER, 1996; CORBARI, 2013, entre outros).

Adotamos como procedimento metodológico a Análise Textual Qualitativa (MORAES, 2003; MORAES; GALIAZZI, 2006, 2007), estabelecendo categorias e a considerando a descrição e a interpretação como atividades igualmente importantes. Conforme pontuam Moraes e Galiazzi (2007), trata-se de uma metodologia de análise de dados e informações de natureza qualitativa com a finalidade de produzir novas compreensões, construídas a partir de um conjunto de textos, entendido não como um fenômeno estanque, como produto acabado e isolado do contexto de enunciação, mas como parte de um discurso socialmente construído. Nessa dinâmica de produção de novas compreensões, o *corpus* é analisado segundo uma perspectiva assumidamente subjetiva, o que implica classificar a pesquisa como interpretativista (BORTONI-RICARDO, 2008).

Em conformidade com Moraes (2003), movimentamos um processo auto-organizado de construção de compreensão em que novos entendimentos emergem de uma sequência recursiva de três componentes: i. desconstrução dos textos do *corpus*; ii. o estabelecimento de relações entre os



elementos unitários; iii. o captar do novo emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada.

No primeiro estágio da análise (i. desconstrução dos textos do *corpus* – unitarização), os comentários que constituem o *corpus* foram examinados com a finalidade de construir compreensões, tendo em mente as estratégias de modalização, as teorias previamente selecionadas e as categorias consideradas, advindas de pesquisa anterior. Assim, fez-se o mapeamento dos modalizadores para abstrair certa unidade que justificasse a posterior categorização. Nesse processo, embora uma visão holística do texto e seu contexto de produção fosse levada em conta, julgou-se adequado observar o cotexto imediato em que se inseriam tais elementos, o que resultou na consideração de parágrafos relacionados ao comentário, garantindo uma contextualização linguística suficiente para amparar a interpretação do fenômeno em foco.

A proposta de unitarização teve em pauta as categorias já estabelecidas em Corbari (2013), publicadas também em Corbari (2016), que visualizam no componente pragmático um direcionamento possível para a categorização. Esta, que representa o segundo ciclo das análises, trata-se de um exercício voltado para a busca por regularidades que justifiquem a reunião de expressões e estratégias linguísticas em um mesmo conjunto. Observando as tentativas de negociação viabilizada pelos elementos modalizadores, passamos a organizá-los conforme a força ilocutória que encerram em duas grandes categorias: negociação enfática e negociação atenuada.

Observamos que, embora as categorias consideradas sejam dadas *a priori*, na análise, elas são verificadas considerando o contexto enunciativo em que ocorrem, que é bastante diferente daquele observado em Corbari (2013), quando analisamos artigos de opinião produzidos por alunos de ensino médio. Enquanto as ações esperadas do leitor do artigo de opinião voltam-se à atividade intelectual, pois intenta-se atuar no campo das crenças e opiniões, no caso aqui investigado a negociação empreendida envolve a intenção de provocar no leitor uma ação efetiva: a revisão/adequação do texto conforme a orientação dada no comentário à margem.

Além disso, enquanto a construção do artigo de opinião guia-se pela imagem de um leitor médio, a interação aqui investigada tem um interlocutor específico, cujo perfil é conhecido pelo revisor. Ademais, temos na interação revisor-autor uma relação menos assimétrica do que no caso do artigo de opinião escrito por alunos do ensino médio, produtores de texto em formação que dificilmente cumpririam, nessa fase da vida, as exigências implicadas na posição de autoria de um artigo de opinião. Essas características, somadas ao papel social assumido pelo revisor de texto no



meio acadêmico, dão margem a uma interação mais marcada no que consiste às estratégias de interação em comparação aos artigos de opinião.

Tendo sido feita essa ressalva, observamos que, a partir da acomodação das categorias dadas *a priori*, produzimos as descrições e interpretações que resultaram no metatexto aqui apresentado. Na construção do metatexto, conforme Moraes (2003), é importante que haja uma “tese” ou argumento central, capaz de possibilitar o encadeamento das partes no todo. A partir da pergunta de pesquisa que emergiu do contato inicial com o *corpus*, vislumbra-se a tese aqui defendida: os recursos de modalização encaminham o tipo de negociação pretendida pelo revisor de texto. A pesquisa, então, volta-se para a interpretação das formas como tal interlocução é proposta.

Para descrever as estratégias observadas no *corpus*, recorremos aos termos utilizados por Koch (2002), que aponta alguns recursos de modalização possíveis na língua portuguesa. No entanto, expandimos o rol de estratégias porque a autora não cita todos os recursos linguísticos que visualizamos no *corpus*.

Dos 23 textos inicialmente considerados, cinco foram descartados por não apresentarem comentários do revisor destinado ao autor do texto, mas sim à professora do projeto, descaracterizando o tipo de interação que consideramos nesta pesquisa. Dos 18 textos restantes, foram desconsiderados i. os comentários cuja interação proposta tinha como interlocutora a professora do projeto, e não o autor do texto; ii. aqueles que faziam referência a revisões que deveriam ter sido feitas no corpo do texto – tendo em conta que se encaminhou a proposta de fazer uma revisão resolutiva (RUIZ, 2010), que ocorre quando o revisor modifica e arruma todos os problemas do texto –, como exemplificam estes comentários: “Retirar essa vírgula” e “Inserir um ‘d’ antes de ‘contradições’”. Restaram, então, 190 comentários. A próxima etapa direcionou o olhar apenas para os 109 comentários que contavam com elementos modalizadores.

Vale observar que este estudo respeita os princípios éticos em pesquisa e considera um *corpus* coletado a partir de um projeto de pesquisa submetido ao Comitê de Ética, via Plataforma Brasil (CAAE: 22812919.5.0000.0107).

4 ANÁLISE DAS INTERAÇÕES

Nesta seção, apresentamos as análises considerando exemplos representativos das ocorrências de modalização que movimentam a negociação no texto.





4.1 Negociação enfática: imposições no campo do ‘necessário’

Nos comentários em que se usou alguma camada modal, observamos que a negociação enfática prevaleceu em relação à negociação atenuada. Ou seja, nesse contexto enunciativo, a asserção forte ganha um espaço de destaque na interpelação do interlocutor. No Quadro 1, elencamos as estratégias linguísticas de negociação enfática observadas no *corpus*.

Quadro 1: Estratégias de negociação enfática

Estratégia linguística	Exemplo
a) Verbos no infinitivo	COMENTÁRIO [1] – ligado à marcação de uma vírgula <u>Não separar o sujeito do predicado. Retirar essa vírgula.</u>
b) Verbos no modo imperativo	COMENTÁRIO [2] – ligado a uma frase introdutora do parágrafo voltado à explicitação da forma como o trabalho está organizado, proposta pelo revisor: <u>Descreva aqui as seções que você traz ao longo do capítulo e explique brevemente o que vai tratar em cada uma delas para destacar sua importância dentro do trabalho.</u>
c) Predicados cristalizados do campo deontico (com ou sem a explicitação do verbo)	COMENTÁRIO [3] – ligado à marcação de um parágrafo inteiro, constituído de um único período: <u>Perceba como esse período longo faz com que o leitor perca “o fio da meada”. É necessário reformular esse parágrafo.</u>
d) Formas verbais perifrásticas (como <i>precisar</i> + verbo no infinitivo) expressando necessidade deontica	COMENTÁRIO [4] – ligado à citação de autores no corpo do texto: <u>Essa obra precisa aparecer nas referências.</u>
e) Expressões fáticas (como <i>Tome cuidado, Atenção</i> etc.)	COMENTÁRIO [5] – ligado a um número sobrescrito, relacionado a uma nota de rodapé: <u>Atenção para os sobrenomes em maiúsculas na nota de rodapé. Não se escreve assim no texto corrido.</u>
f) Perguntas diretas	COMENTÁRIO [6] – ligado à expressão ‘livro didático de História’, citado como parte do <i>corpus</i> da pesquisa: <u>Qual livro? Usado em alguma escola específica? De que livro estamos falando? Necessário especificar.</u>
g) Verbos performativos explícitos	COMENTÁRIO [7] – ligado ao título da seção: <u>Olá, Peço que observe as alterações feitas e dê especial atenção às partes destacadas em amarelo.</u>

Fonte: Elaboração da autora

Vale observar que os comentários citados constituem apenas exemplificações, e a interação precisa ser considerada em cada contexto enunciativo particular. Em outros termos, tais exemplos não recobrem, em sua totalidade, todos os casos em que as estratégias em tela são atualizadas no *corpus*. Por isso, não são aqui analisados individualmente, mas considerados segundo as características que os unitariza.



De modo geral, vemos no uso das estratégias em tela uma proposta de negociação mais incisiva, que dá pouca margem à contra-argumentação. Nesse movimento, os revisores propõem negociação com o interlocutor pautados no *ethos* que o papel do revisor lhes assegura, amparados em seu conhecimento sobre a estrutura da língua e sobre questões relativas à academia e aos gêneros que circulam nessa esfera. Nesse lugar social, explicitam ações que o autor “deve” tomar para que seu texto esteja conformado aos padrões de uma dissertação.

Duas das estratégias citadas no Quadro 1 foram recorrentemente atualizadas, em detrimento das demais: em primeiro lugar, o uso do infinitivo; em segundo lugar, o uso do modo imperativo, estratégias que, em geral, levam o interlocutor “direto ao assunto” e explicitam o lugar de “ordenador” assumido pelo revisor na interação.

Também observamos que, em geral, uma única estratégia modalizadora comanda o tom da interação. No entanto, em alguns poucos casos observamos mais de uma estratégia linguística de negociação enfática em ação, como vemos no exemplo [6], em que o revisor recorre a perguntas diretas e também a predicado cristalizado (sem explicitação do verbo, nesse caso).

No que tange ao processo de justificação, observamos tratar-se de uma estratégia usada em menos da metade dos comentários em que se verifica uma proposta de negociação enfática. De um lado, temos no comentário à margem um gênero sucinto, o que talvez direcione o uso menos frequente de justificação. Por outro lado, é possível que esse dado esteja ligado ao fato de a negociação enfática já trazer para a interação um negociador que se coloca na posição de alguém que pode direcionar as ações do interlocutor no que tange à lapidação do texto sem ter de ficar explicitando as justificativas para o ato ilocutório lançado na interação.

4.2 Negociação atenuada: orientações no campo da ‘sugestão’

No total do *corpus* investigados, observamos as estratégias de negociação atenuada apresentadas no Quadro 2:

Quadro 2: Estratégias de negociação atenuada

Estratégia linguística	Exemplo
a) Verbos performativos explícitos	COMENTÁRIO [8] – ligado à expressão ‘minha atuação’, em que o autor do texto se apresenta como professor: Geralmente não se usa primeira pessoa do singular para texto acadêmico. Por isso, <u>sugiro</u> que confirme com o orientador.
b) Expressões nominais que explicitam o ato ilocutório	COMENTÁRIO [9] – ligado a uma inclusão feita pelo revisor: O parágrafo é extenso. <u>A proposta</u> é tornar as orações mais curtas.





c) Futuro do pretérito	COMENTÁRIO [10] – ligado à expressão adverbial “dentre outros”, com a inclusão da expressão entre colchetes pelo revisor no seguinte trecho: “expressando, de acordo com Leher, dentre outros [autores (???)], a ideologia desenvolvimentista [...]”: Se não cita outros autores... desnecessário. Mas, se se tratar de EXPRESSAR outras coisas, então <u>seria</u>: “[...] e expressa, entre outras coisas, de acordo com Leher [...]”
d) Futuro do pretérito acompanhado de modalizadores apreciativos	COMENTÁRIO [11] – ligado a uma parte do texto em que se faz conexão entre texto do autor e citação direta: Essa construção soa estranha. <u>Seria melhor reformular.</u>
e) Formas verbais perifrásticas (como poder + verbo no infinitivo) expressando possibilidade epistêmica	COMENTÁRIO [12] – ligado a uma porção do texto excluída pelo revisor: Excesso de detalhamento, informação <u>pode ser</u> fornecida depois.
f) Formas verbais perifrásticas constituída por negação + verbo deôntico + verbo no infinitivo, expressando facultatividade	COMENTÁRIO [13] – ligado a uma sigla de documento oficial após seu nome por extenso: Citado uma vez o significado, no restante do texto, pode-se usar apenas a sigla, <u>não precisa</u> toda vez <u>repetir</u> seu significado.
g) Expressões de dúvida (como <i>Não sei, talvez</i> etc.)	COMENTÁRIO [14] – ligado à expressão ‘minha atuação’, em que o autor do texto se apresenta como professor: <u>Talvez</u> seja melhor não usar um tratamento tão pessoal em um texto deste gênero.
h) Perguntas diretas	COMENTÁRIO [15] – ligado a uma parte do parágrafo: Será que esta parte é realmente necessária e indispensável para a fundamentação de seu trabalho? O período ficou bastante confuso, <u>inclusive.</u>
i) Verbos de atitudes proposicionais	COMENTÁRIO [16] – ligado a uma parte do texto excluída pelo revisor: <u>Creio</u> ser irrelevante ao texto essas informações de “ir e vir”. Caso sejam realmente necessárias, <u>avise-me.</u>
j) Verbos de ligação que indicam aparência de estado	COMENTÁRIO [17] – ligado ao verbo “coadunamos”: Esse termo <u>parece</u> rebuscado para o texto. <u>Destoa um pouco.</u>
k) Escolha lexical de determinados verbos que apontam para o ato ilocutório de ‘sugestão’	COMENTÁRIO [18] – ligado a um parágrafo inteiro: <u>Considerar</u> desmembrar o parágrafo ou suprimir informações para torná-lo mais fluido.

Fonte: Elaboração da autora

Os exemplos acima apresentados, representativos da categoria em tela, revelam baixo grau de engajamento do produtor em relação ao texto e apresentam pontos de vista, interpretações e sugestões sem impor uma ação como necessária, mas apresentando-a como possível recurso para melhorar o texto, resultando em uma negociação menos tensa do que no caso da negociação enfática. Nesse sentido, o *ethos* é construído a partir de um interventor moderado que, considerando seu papel de revisor, não deixa de observar questões pertinentes para que o texto se acomode de forma mais adequada à situação de interação. Logo, abre-se espaço para negociação, na medida em que possibilita que o comentário seja desconsiderado pelo autor do texto.

Os dados mostram que as estratégias linguísticas são mais variadas nesse polo da negociação, se comparadas com aquelas que direcionam a negociação enfática. Diferente do que ocorre na categoria da negociação enfática, que apontou a produtividade de duas estratégias em detrimento das



outras, observou-se um uso mais equilibrado entre as estratégias de negociação atenuada no que tange ao número de ocorrências.

Da mesma forma que ocorre no caso da negociação enfática, na negociação atenuada, em geral, uma única estratégia modalizadora comanda o tom da interação. Em alguns poucos casos, no entanto, observamos mais de uma estratégia de negociação atenuada, como ocorre, por exemplo, no comentário [11], em que há uma espécie de sobremodalização, com o verbo no futuro do pretérito e a avaliação apreciativa marcada pelo adjetivo.

No que tange ao processo de justificação, observamos tratar-se de uma estratégia bastante recorrente nesta categoria, pois é atualizada na maioria dos comentários, como mostram os exemplos citados. Vemos que, nesse caso, o revisor sente uma necessidade maior de justificar o procedimento adotado, já que a ação final é do interlocutor. Trata-se, portanto, de uma forma de balizar a ação do autor do texto, uma vez que este precisará fazer um esforço maior do que no caso da negociação enfática, que traz direcionamentos mais definidos. Portanto, é preciso garantir que o interlocutor entenda a necessidade de alteração. Também o fato de o revisor se colocar como alguém que admite suas dúvidas motiva esse movimento de ancoragem.

4.3 A negociação em um *continuum*

Em alguns casos, embora não tão frequentes no conjunto do *corpus*, observamos um deslize da negociação atenuada à negociação enfática, ou vice-versa. Tais ocorrências revelam a dinamicidade no movimento de negociação, pois os recursos modalizadores de negociação enfática e atenuada podem ser estratégias colocadas lado a lado na proposição da interação. É o que vemos, por exemplo, nos recortes abaixo:

COMENTÁRIO [19] – ligado ao adjetivo “imperioso”

Verifique com seu orientador se não seria melhor modalizar a linguagem. O termo “imperioso” é muito taxativo.

COMENTÁRIO [20] – ligado a um número sobescrito indicativo de nota de rodapé

Não entendi as referências que você colocou dentro da citação. E veja: você está colocando uma referência, dentro de uma citação, que está em uma nota de rodapé, que surge a partir de uma citação... É muita informação compactada. Talvez fosse interessante colocar essa referência, então, no interior do texto, com a citação feita de forma correta.



Em [19] também verificamos um deslize da orientação enfática em direção à atenuada. Essa dinâmica do deslize no *continuum* aparece dentro de um mesmo ato de fala, em que se dá uma orientação taxativa, com o verbo no imperativo, mas se atenua na sequência, em relação ao que é preciso verificar. Por fim, tem-se a justificação, que busca ancorar a segunda parte, aquela em que consta a sugestão.

No caso do comentário [20], em termos de ato ilocutório, considerando o enunciado que encaminha ação, vemos que há uma orientação atenuada. No entanto, observa-se na justificação um tom é bastante asseverativo. O revisor se projeta numa posição que lhe permite asseverar que o fato de não ter entendido algo do texto representa um problema, que precisa ser solucionado. O período que inicia com a interpelação dada em “*E veja*”, soma-se ao tom imperativo, terminando numa conclusão (“É muita informação compactada”). Esses movimentos de negociação, de recuo e avanços em direção a uma orientação mais enfática, mostram a dinamicidade do processo de negociação.

Tendo em conta esses casos e partindo do pressuposto de que a língua se movimenta numa dinâmica que não pode ser limitada pelas categorias aqui apresentadas, consideramos a possibilidade de a interação acontecer em movimentos de negociação que funcionam dentro de um *continuum*, de maneira a ir de uma interação mais enfática para uma interação menos enfática, ou vice-versa, com vários pontos dentro desse limite.

Em outros termos, a categorização didática aqui proposta só foi possível porque observamos uma situação de interação bastante restrita, limitando-se à extensão do comentário. Se o escopo da análise tivesse levado em conta as diferentes investidas de um mesmo revisor, o que veríamos, muito provavelmente, seria um deslize constante entre uma forma e outra de propor interação, tema que merece ser explorado em pesquisa futura.

Aproveitamos o ensejo para observar que outras questões que não encontraram espaço nesta pesquisa também merecem ser analisadas. Uma delas diz respeito à projeção do enunciador nesses movimentos de negociação, o que pode render análises produtivas no que tange à interação proposta. Também chamamos a atenção para a necessidade de avaliar se as interações propostas dependem do tipo de conteúdo veiculado. Numa análise inicial, vimos, por exemplo, que sobre conteúdos relacionados à norma da ABNT recaem mais movimentos de negociação enfática do que negociada, já que se atua a partir de normas fixas estabelecidas. No entanto, o mesmo não ocorre com as regras da norma culta, por exemplo. Essa questão não foi sistematicamente avaliada, pois fugia aos objetivos inicialmente delineados, mas pode ser considerada em pesquisa futura.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Interessou-nos nesta pesquisa o estudo dos movimentos de negociação instaurados por elementos modalizadores em um contexto linguístico ainda pouco estudado: a interação explícita entre revisor e autor do texto. Nessa empreitada, observamos que as categorias propostas em Corbari (2013) adequam-se a esse contexto enunciativo específico, tendo os modalizadores papel fundamental na construção do tipo de interação proposta nos comentários à margem.

Embora o dado linguístico em si seja apenas uma pequena parte de todo o processo interacional, os elementos linguísticos dão pistas de como as interações são construídas e sinalizam o funcionamento da complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional (KOCH, 2000) envolvida no movimento de negociação. Em outros termos, o produtor do texto recorre a estratégias e recursos linguísticos de negociação que revelam as condições de enunciação (BAKHTIN, 2002, 2003).

Um olhar particular para a situação de interação envolvida leva à observação de que, na interação revisor-autor, as intenções são postas sob a mesa, o que acaba criando um ambiente propício para que o ato ilocutório venha carregado de marcas linguísticas que explicitam a interpelação proposta pelo revisor, que podem se dar a partir de uma negociação enfática ou atenuada (CORBARI, 2013). Considerando que o enunciado é dotado de certa força, que irá produzir no interlocutor determinado(s) efeito(s) (KOCH, 2003b), podemos dizer que os elementos modalizadores contribuem para “medir” essa força.

As estratégias de modalização que atuam na construção da negociação enfática, que envolve o ato ilocutório de asserção forte (BORILLO, 1982), explicitam um revisor que se coloca como alguém que tem conhecimento de aspectos específicos envolvidos na atividade de revisão (em relação à estrutura da língua, ao gênero, à linguagem acadêmica etc.) e, portanto, que tem autoridade para direcionar de forma mais enfática as ações do autor no texto revisado. Instaure-se, portanto, uma negociação mais tensa, mas também mais marcada no que tange ao engajamento do revisor em relação ao conteúdo da mensagem. Nesse caso, a interpelação do interlocutor acontece de maneira a não deixar margem à contra-argumentação, ou, pelo menos, a minimizar as possibilidades de refutação.

Com as estratégias de modalização que movimentam uma negociação atenuada, que envolve o ato ilocutório de asserção fraca (BORILLO, 1982), o revisor recua e apresenta um menor engajamento com o conteúdo da mensagem, promovendo uma interação menos tensa. Nesse caso, o



revisor também recorre a conhecimentos sobre a escrita acadêmica, muitas vezes dados no movimento de justificação, mas, diferente do que ocorre no caso da negociação enfática, abre espaço para a contra-argumentação e para uma possível refutação. Essa dinâmica acaba requerendo do autor uma maior participação na lapidação do texto, uma vez que demanda deste uma energia maior do que no caso em que os caminhos são apresentados como necessários.

Vê-se, então, que os movimentos de que toma parte a modalização representam verdadeiros atos ilocutórios (PARRET, 1988), pois, em qualquer dos casos, pretende-se levar o interlocutor à ação, de modo a resolver as pendências para resultar em um texto mais satisfatório, pautado em usos e normas reconhecidos no âmbito da esfera acadêmica. Nessa perspectiva, a análise aqui empreendida reforça a conclusão de Miranda (2005) de que o processo de modalização remove barreiras ou impõe forças em relação ao interlocutor. Trata-se, pois, de observar “a dinâmica dos papéis sociais, ou seja, da dinâmica de sujeitos comunicativos operando sobre outros, ou de sujeitos comunicativos operando sobre si mesmos” (MIRANDA, 2005, p. 181), em movimentos de negociação em que se constroem sentidos e identidades.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. *In*: AMOSSY, R (org.). **Imagens de si no discurso**: a constituição do ethos. São Paulo: Contexto, 2005. p. 119-144.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BAKHTIN, M. [N. V. Volochinov]. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10. ed. São Paulo: Annablume; Hucitec, 2002.

BORILLO, A. Deux aspects de la modalité assertive: croire et savoir. **Langages**, 16e année, n. 67, p. 33-53, 1982.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

CAMPARINI, A. M. P. A modalização deôntica no discurso jurídico. *In*: PEZATTI, E. G. (org.). **Pesquisas em gramática funcional**: descrição do português. São Paulo: EDUNESP, 2009. p. 173-202.

CASTILHO, A. T. de; CASTILHO, C. Advérbios modalizadores. *In*: ILARI, R (org.). **Gramática do português falado**. Campinas: UNICAMP; FAPESP, 1992. v. 2. p. 213-261.





CORBARI, A. T. Modalizadores: a negociação em artigo de opinião. **Linguagem em (Dis)curso**, 16, n. 1, p. 117-131, jan./abr. 2016.

CORBARI, A. T. **Elementos modalizadores como estratégias de negociação em textos opinativos produzidos por alunos de ensino médio**. 200 f. 2013. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

DUCROT, O. D. A quoi sert le concept de modalité? *In*: DITTMAR, N.; REICH, A. (ed.). **Modality in language acquisition: modalité et acquisition des langues**. Berlin; New York: de Gruyter, 1993. p. 111-130.

GOLDER, C. La production de discours argumentatifs: revue de questions. **Revue française de pédagogie**, v. 116, p. 119-134, 1996.

GOLDER, C.; COIRIER, P. The production and recognition of typological argumentative text markers. **Argumentation**, v. 10, p. 271-282, 1996.

GOLDER, C.; COIRIER, P. Argumentative text writing: developmental trends. **Discourse Processes**, v. 18, p. 187-210, 1994.

GOLDER, C.; PERCHERON, A.; POUIT, D. Les choses ne sont jamais totalement vraies ou totalement fausses: point de vue sur la conduite communicative d'argumentation en production écrite. **Enfance**, n. 2, p. 99-110, 1999.

HENGEVELD, Kees. Layers and operators in Functional Grammar. **Journal of Linguistics**, v. 25, p. 127-157, 1989.

KOCH, I. G. V. **Desvendado os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003a.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. 8. ed. rev. e ampl. São Paulo: Contexto, 2003b.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MIRANDA, N. S. Modalidade: o gerenciamento da interação. *In*: MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. (org.). **Linguística e cognição**. Juiz de Fora: UFJF, 2005. p. 171-195.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. **Análise textual discursiva**. Ijuí: UNIJUÍ, 2007.





MORAES, R.; GALIAZZI, M. do Ca. Análise textual discursiva: processo reconstutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

NEVES, M. H. de M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

NEVES, M. H. de M. A modalidade: *In*: KOCH, I. V. (org.). **Gramática do português falado**. São Paulo: UNICAMP; FAPESP, 1996. v. 6. p. 163-195.

PARRET, H. **Enunciação e pragmática**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* Campinas: UNICAMP, 1988.

PETRONI, M. R. Construção do objeto discutível: argumentação e interação. **Polifonia**, n. 10, p. 113-133, 2005.

RUIZ, E. D. **Como corrigir redações na escola**. 2 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

VION, M. R. **Modalization, dialogisme et polyphonie**. 2005. Disponível em: <http://www2.lpl-aix.fr/~fulltext/2463.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2011.

VION, M. R. Modalités, modalisations et discours representes. **Langages**, 38e année, n. 156, p. 96-110, 2004.

Artigo recebido em: 08/11/2022

Artigo aprovado em: 22/11/2022

Artigo publicado em: 29/12/2022

COMO CITAR

CORBARI, A. T. Muito além da margem do texto: a negociação demarcada por recursos modalizadores na interação revisor-autor. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 11, p. 1-20, e02224, 2022.

